



EVANGELHO DA CRIAÇÃO E ECOLOGIA INTEGRAL: UMA PRIMEIRA RECEPÇÃO DA LAUDATO SI'

The Gospel of creation and integral ecology: a first reception of the Laudato Si'

Sinivaldo S. Tavares, OFM *

RESUMO: Pressuposta a relevância da *Laudato Si'*, o artigo analisa alguns de seus elementos nodais com o intuito de salientar o caráter orgânico e coerente de seu conteúdo. No primeiro momento, são perscrutadas as *entrelinhas* da *Laudato Si'*: gratuidade como horizonte e esperança como tom da encíclica, apelo contundente à aliança entre os distintos saberes como sua intencionalidade e círculo virtuoso (ver, julgar e agir) como sua metodologia. No segundo momento, ocupa-se da *tessitura* propriamente dita do texto da encíclica que se dá em torno a três *nós*: o evangelho da criação; a ecologia integral e, por fim, a conversão ecológica como condição para uma conversão integral. Ao final do percurso, e a partir da insistência do papa na integralidade como marca distintiva da fé cristã e, ao mesmo tempo, das eventuais alternativas à crise atual, conclui-se que desafios complexos demandam saberes e práticas integrais. Portanto, a partir da integralidade constitutiva de sua própria tradição de fé, o cristão discerne e reconhece a complexidade inerente à vida, e a ela corresponde mediante propostas e iniciativas igualmente integrais.

PALAVRAS-CHAVE: Laudato Si'. Crise sócio-ambiental. Evangelho da criação. Paradigma tecnocrático. Ecologia integral.

ABSTRACT: The article analyzes some of the crucial nodal points of the relevant Encyclical *Laudato Si'* in order to emphasize the organic and coherent character of its content. In the first place, the main lines of *Laudato Si'* are scrutinized:

* Professor de Teologia Sistemática no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e no Instituto Santo Tomás de Aquino, ambos situados em Belo Horizonte. Artigo submetido a avaliação em 22/12/15 e aprovado para publicação em 25/02/16.

gratuitousness as its horizon and hope, as its driving force, a strong appeal to the alliance between the many knowledges, as its intentionality, and the virtuous circle (see, judge and act), as its methodology. The second moment deals with the weaving of the encyclical text itself that revolves around three nodes: the gospel of creation; integral ecology and, finally, the ecological conversion as a condition for an integral conversion. Finally, from the pope's insistence on integrity as being the hallmark of the Christian faith and, at the same time, from the possible alternatives to the current crisis, it is concluded that complex challenges require integrative knowledge and practices. Therefore, from the constitutive completeness of their own faith tradition, Christians discern and recognize the inherent complexity of life to which they respond with full proposals and initiatives.

KEYWORDS: *Laudato Si'*. Socio-environmental crisis. Gospel of creation. Technocratic paradigm. Integral ecology.

Introdução

Em 25 de maio – Solenidade de Pentecostes – de 2015 o papa Francisco agradeceu-nos com a Encíclica *Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Poucos documentos do magistério pontifício provocaram tamanha expectativa como esse e não apenas entre os católicos. Anunciada em diversas ocasiões, a *Laudato Si'* suscitou um clima de grande expectativa e de acalorada discussão em torno de seu eventual conteúdo antes mesmo de sua publicação oficial. De fato, a Encíclica se ocupa de um tema candente e de singular gravidade e urgência: a atual situação de descaso em que se encontra nossa casa comum. E o que mais nos surpreende é a tamanha receptividade que o discurso do papa vem recebendo no âmbito da cultura e da sociedade em geral. A relevância e a urgência do tema associadas ao caráter visivelmente inovador da encíclica muito tem contribuído para tamanha receptividade.

Intenção nossa não é apresentar de forma exaustiva o conteúdo da *Laudato Si'*. O que queremos, na verdade, é refletir acerca de alguns elementos nodais da encíclica com o intuito de salientar o caráter orgânico e coerente de seu conteúdo. Longe de nós a pretensão de elaborar uma síntese que viesse a se substituir ao texto propriamente dito. O que, de fato, nos move a escrever este artigo é o desejo de provocar o(a) leitor(a) à leitura atenta e à recepção criativa da encíclica.

Nossa exposição se desdobra em dois momentos: no primeiro, vamos perscrutar as *entrelinhas* da *Laudato Si'*: horizonte de fundo e tom, intencionalidade e metodologia; para, em seguida, se ocupar de sua *tessitura* em torno a três *nós*: o evangelho da criação; a ecologia integral e, por fim, a conversão ecológica como condição para uma conversão integral.

1 As entrelinhas da Laudato Si'

Três, segundo nos parece, são os principais elementos que se deixam entrever no tecido da *Laudato Si'*: o horizonte e o tom da encíclica, o contundente apelo do papa ao diálogo entre saberes e práticas e o método empregado na exposição e argumentação. Estes elementos se mesclam permanentemente ao texto da encíclica, como uma espécie de elã vital, emergindo explicitamente em momentos pontuais.

1.1 O horizonte e o tom da Laudato Si'

Não por acaso, iniciamos pela consideração do horizonte no interior do qual se situa o discurso do papa na *Laudato Si'*. Esse horizonte é responsável pelo tom do discurso nela proposto. O horizonte é marcado pela gratuidade, expressa no enternecimento para com as criaturas do universo, e seu tom é de esperança. Segundo Paul Ricoeur, o tom é dimensão constitutiva do conteúdo de um texto e, portanto, de fundamental importância para a compreensão de seu sentido. Em suma, o tom de um texto seria aquilo que o anima, uma espécie de hálito vivificador. Escreve o papa: “a esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (n. 61). E isso sem comprometer a crítica contundente aos sintomas e às raízes últimas do atual estado de degradação no qual se encontra o planeta, nossa casa comum. É muito difícil conjugar dialeticamente esperança e crítica. Em geral, a presença de um desses dois elementos termina por afugentar o outro. E o que presenciamos, na maioria das vezes, é uma situação de exclusão recíproca.

Na *Laudato Si'*, o papa Francisco conduz a bom termo essa difícil tarefa. Prova disso é o fato de combinar dialeticamente textos extremamente críticos com relação à presente situação com textos de bela poesia, reveladores de uma alma profundamente contemplativa. Seu discurso contagia-nos não apenas ao despertar-nos para a beleza da criação ou para a inalienável dignidade de cada criatura. Afeta-nos, igualmente, ao desvelar a real situação de cumplicidade entre tecnociência, economia e política, desmascarando os reais interesses do paradigma tecnocrático.

1.2 Um contundente apelo: diálogo entre saberes e práticas

Para se compreender em profundidade o contundente apelo que o papa Francisco dirige a cada cidadão e a todos os cidadãos do planeta, é oportuno situá-lo em seu contexto de origem. Na introdução da *Laudato Si'*, vemos que o apelo é precedido por uma constatação e feito a partir de uma motivação. Bem no início da encíclica, o papa Francisco constata que

entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (*Rm* 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. *Gn* 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos (n. 2).

A seguir, a motivação nos é dada na sugestiva figura de Francisco de Assis. Ele nos é apresentado como inspirador de práticas e discurso reveladores do cuidado para com a criação. E é interessante notar que já na motivação aparecem claramente aqueles acentos que caracterizarão a encíclica toda, a saber: a íntima relação entre descaso ambiental e injustiça sócio-econômica; a imprescindibilidade de se superar o antropocentrismo marcado pelo domínio e pelo consumismo em vistas de uma atitude mais contemplativa e reverencial; a preocupação com a ecologia integral. Escreve o papa Francisco:

Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior (n. 10).

E, por fim, temos o apelo dirigido não apenas aos cristãos, mas a todos os cidadãos do planeta, autênticos “filhos da terra”. Esse apelo é pela aliança entre os vários saberes da sociedade: entre as ciências e as religiões, entre as culturas dos povos originários e do povo em geral, incluindo a arte e a poesia, a vida interior e a espiritualidade. O papa Francisco formula esse apelo já nos primeiros parágrafos da *Laudato Si'*, nos seguintes termos:

Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós (n. 14).

E o apelo do papa se reveste de singular credibilidade por vir acompanhado de sinais e gestos reveladores de uma abertura sem precedentes à cultura do encontro e do diálogo. Além de se unir a seus imediatos predecessores (Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI) nos momentos cruciais do texto da encíclica, o papa Francisco faz questão de, já na introdução, se unir também ao Patriarca Ecumênico, Bartolomeu, no inadiável apelo ao cuidado da casa comum, em duas referências, a nosso ver, profundamente significativas.

Na primeira, endossa a interpretação de Bartolomeu de que os contínuos maus tratos provocados ao planeta são verdadeiros crimes contra a natureza e contra nós mesmos e, em última instância, um pecado contra o Criador (n. 8). E na segunda, salientando a preocupação do Patriarca Ecumênico com as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, o papa o cita ao dizer que o exercício da ascese cristã não se reduz simplesmente a renunciar, quanto em aprender a dar, propondo-nos a “*passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha [...]*” (n. 9).

As inúmeras referências explícitas, no decorrer do texto, a documentos dos episcopados continentais e nacionais, bem como a outros autores do âmbito da cultura em geral também confirmam a vontade sincera do papa Francisco em testemunhar o diálogo como possível via para o enfrentamento das questões que são postas nesse princípio de século. Aliás, a esse propósito, dignas de menção são as notas de referência que subjazem ao texto da *Laudato Si'*¹. Elas são profundamente reveladoras da consciência inaugurada e proposta pelo papa Francisco. Esse expediente já se fizera notar na Exortação pós-sinodal *Evangelii Gaudium*. Também ali abundavam as citações dos episcopados continentais e nacionais e de outros autores. Segundo nos parece, esse constitui um recurso excogitado pelo papa Francisco com o objetivo de manifestar seu desejo de construir novas relações marcadas pelo encontro e pelo diálogo. E assim fazendo, oferece-nos um válido testemunho de abertura a toda tentativa de diálogo e de aliança entre os vários saberes e práticas que compõem o rico mosaico de nossa civilização contemporânea.

1.3 Um método eficaz: o círculo virtuoso entre ver, julgar e agir

Na confecção da *Laudato Si'*, o papa elege o método ver-julgar-agir, concebendo os três momentos não como partes separadas uma da outra; tampouco como estabelecendo entre si apenas uma sequência linear e progressiva. Ele instaura uma circularidade dialética entre os três momentos: uma espécie de *pericorese*. De tal forma que o *ver* não apenas ofereça uma visão da realidade, mas que também incida sobre o *julgar* como nova possibilidade de se reinterpretar os textos inspirados e as tradições genuínas de fé. O *julgar*, por sua vez, discernirá o que se viu no momento

¹ Em textos do gênero, normalmente, as notas de referência são quase inteiramente dedicadas a citações de outros papas e de documentos oficiais, além da Bíblia, Padres da Igreja e Catecismo. No caso específico da *Laudato Si'*, no entanto, 21 das 172 notas – mais de 10% – contém citações de documentos das conferências (e conselhos) episcopais de todo o mundo. A título de exemplo, o papa Francisco cita bispos de 15 países e ainda cita dois organismos episcopais continentais: o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e a Federação dos Conselhos episcopais Asiáticos (FCEA).

anterior, também porque revisitado e, conseqüentemente, reinterpretado de maneira criativa pelo próprio *ver*. E assim por diante. O *agir*, por seu turno, se dará de modo mais eficiente uma vez que foi preparado pelo *ver* crítico e pelo discernimento de fé, mas, ao mesmo tempo, retornará ao *ver* e ao *julgar* com o intuito de reiniciar o inteiro processo, potencializando-o. Instaure-se assim um círculo, para todos os efeitos, virtuoso. Trata-se, em suma, de conceber os três momentos constitutivos do método (*ver*, *julgar* e *agir*) numa contínua ciranda hermenêutica.

Isso pressuposto, acompanhemos o papa Francisco ao longo de sua exposição, atentos, sobretudo, ao desdobramento de seu método. Veremos como ele alcança uma peculiar coerência e organicidade entre o conteúdo e a forma de seu discurso. Após a introdução que encerra constatação, motivação e apelo, ele aborda, no capítulo I, os principais sintomas dessa crise ecológica global: poluição e mudanças climáticas, a questão da água, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida humana e degradação social, desigualdade planetária. Constata, ao final, a fraqueza das reações e a diversidade de opiniões sobre a crise ecológica global. Trata-se de um *ver* que capta fenômenos reveladores de uma crise mais profunda que, por isso mesmo, necessita não só de uma visão mais aguda e profunda propiciada pelas ciências e pela filosofia, mas também de uma visão contemplativa oriunda da tradição de fé cristã.

Nesse particular contexto, se insere o capítulo II, com o sugestivo título de “O Evangelho da criação”. Após justificar a contribuição que a fé cristã pode oferecer ao caleidoscópio das perspectivas culturais atuais, o papa destaca a sabedoria oriunda das narrações bíblicas que nos falam de “criação”, fonte a partir da qual emergem as dimensões constitutivas da visão cristã acerca das realidades criadas, a saber: o mistério do universo, a singularidade de cada criatura no conjunto harmonioso da inteira criação, a comunhão universal e o destino comum dos bens. E conclui o capítulo, remetendo-nos ao “olhar de Jesus” referência permanente para toda perspectiva que se pretenda cristã.

Uma vez explicitada a perspectiva cristã da criação, o papa se propõe a *ver* mais profundamente o que está acontecendo com nossa casa comum. Trata-se agora de uma visão mais aguda e penetrante, pois, depois de considerar os sintomas da atual crise e de rememorar as fontes cristãs no que diz respeito à criação, o papa quer ir fundo, quer atingir as raízes da crise ecológica. Trata-se, em nossa opinião, de um *ver* duplamente crítico. Ele é crítico, antes de tudo, por querer ir além dos simples sintomas, daqueles fenômenos que simplesmente aparecem diante de nossos olhos. O papa quer *ver* melhor e *ver* bem as raízes desses fenômenos que, juntos, provocam a crise ecológica. E essa peculiar visão ela a alcança mediante o recurso a um instrumental analítico rigoroso e crítico.

Mas o ver do papa é crítico, ademais, porque se trata de uma visão provocada e sustentada pela fé em seu legítimo desejo de lucidez e de eficácia. Nesse caso, não se quer ver mais e melhor apenas para se ter uma visão mais crítica e pertinente da realidade que nos cerca. Quer-se ver mais e melhor para, com maior lucidez e eficácia, tomar decisões e assumir posições que façam jus à gravidade e urgência dessa crise ecológica e, ao mesmo tempo, correspondam aos apelos mais genuínos da fé cristã. Trata-se, em suma, de ser honesto face ao real e ainda de discernir no aqui e agora os apelos do Deus de Jesus Cristo.

No capítulo III, “A raiz humana da crise ecológica”, o papa inicia constatando a simultaneidade das vantagens e desvantagens produzidas pela tecnociência. Interessante notar que o papa Francisco não é um anti-moderno, ele reconhece os avanços produzidos pela técnica na melhoria das condições de vida, no aumento do bem estar e da expectativa de vida. Contudo, ele não é ingênuo. Desmascara o interesse último da tecnociência que é o controle e o poder sobre a vida em todas as suas dimensões e expressões. Ele chega a nomear de tecnocrático o paradigma hegemônico de nossa civilização contemporânea. Nesse contexto ele situa a crise do antropocentrismo moderno e suas consequências, e do relativismo prático. Lembra a necessidade de defender o trabalho e menciona as questões ligadas à inovação biológica a partir da pesquisa.

Acompanhando o papa no decorrer de seu raciocínio percebe-se que esse seu ver em profundidade, em si mesmo, já é um exercício de discernimento do que aí está posto, um autêntico julgar. Essa visão/discernimento, portanto, se conclui com o capítulo IV, “Uma ecologia integral”. Trata-se da proposta que o papa faz a partir da compreensão crítica da crise ecológica confrontada com os valores do “Evangelho da criação”. O capítulo é composto pelos seguintes temas que revelam o que o papa compreende por “ecologia integral”: ecologia ambiental, econômica e social, ecologia cultural, ecologia da vida cotidiana, o princípio do bem comum e a justiça intergeracional.

Na sequência, o papa Francisco oferece, no capítulo V, “Algumas linhas de orientação e ação”. Trata-se, em suma, da proposta do encontro e do diálogo entre as várias instâncias, a saber: na política internacional, nas políticas nacionais e locais, nos processos decisórios, entre a política e a economia e entre as religiões e as ciências. E conclui, no capítulo VI, recordando-nos a importância da “Educação e espiritualidade ecológicas”. Dos vários temas tratados nesse capítulo final, destacamos a noção de “conversão ecológica”. Tema novo e desafiador que, segundo o papa, constitui condição irrenunciável para uma conversão integral.

Cumprido, ao final, ressaltar que o próprio papa faz questão de explicitar os eixos que atravessam o inteiro corpo da encíclica revelando, assim, a

organicidade de seu discurso e a profunda coerência entre o conteúdo de sua reflexão e a metodologia por ele empregada.

[...] alguns eixos que atravessam a encíclica inteira. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos (n. 16).

2 Os nós em torno dos quais é tecida a inteira trama da *Laudato Si'*

Uma leitura atenta da encíclica, a nosso ver, permite-nos reconhecer três *nós* em torno dos quais é tecida sua inteira trama: evangelho da criação, ecologia integral e conversão ecológica.

2.1 O “evangelho” da criação

Sugestivo o título dado pelo papa Francisco ao segundo capítulo da encíclica. Sugestivo e, sobretudo, coerente com as reflexões feitas por ele no decorrer do capítulo. Dizer “evangelho” da criação significa, em primeiro lugar, captar e salientar a peculiaridade da experiência cristã expressa no termo “criação”. Pois, segundo o papa,

Na tradição judaico-cristã, dizer «criação» é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal (n. 76).

De fato, falar em criação é conceber cada criatura e o conjunto das criaturas no bojo de uma relação primordial e concomitante com seu Criador, concebido como origem e plenitude de toda vida. A rigor, só se pode falar com sentido em criação, pressupondo uma relação prévia entre criador e criatura(s). Poderíamos não existir e, no entanto, existimos. Poderíamos, ademais, existir de outras formas e em circunstâncias diversas. Todavia, existimos assim como somos e existimos aqui e agora. Não há, portanto, explicações cabais que justifiquem a existência enquanto tal. Por esta razão,

o termo criação não exprime uma simples constatação empírica e objetiva da existência. Nem, por outro lado, constitui uma explicação que dê conta das razões necessárias do fato de existirmos. Para todos os efeitos, o termo criação remete ao sentido que cristãos e comunidades cristãs deram à própria existência e à vida em geral: dom gratuito, fruto da imensa generosidade de um Criador que, ademais, se nos revela como Pai de bondade. Como afirma o papa: *“Então cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo”* (n. 77).

Daí a razão de o papa conceber a experiência cristã da criação como um autêntico “evangelho”. E em se tratando de “evangelho”, isso implica no fato de que a experiência de termos sido criados será narrada e proposta, nunca imposta. Por isso a decisão de se inserir esse capítulo no corpo da encíclica que constitui um apelo dirigido à inteira civilização planetária. Não se trata, portanto, de uma explicação ou de uma teoria apodítica que o papa quer oferecer como sendo a única ou a melhor visão do universo. Trata-se, na verdade, da contribuição específica, peculiar, que as comunidades cristãs oferecem ao riquíssimo diálogo em curso no seio da sociedade plural. A melhor maneira de se inserir nesse amplo debate é partilhar a própria experiência e visão com o intuito de simplesmente contribuir a esse diálogo plural na busca de alternativas que nos permitam desvencilhar desse emaranhado existencial, social e cósmico no qual estamos enredados.

Embora o papa diga explicitamente não querer elaborar uma teologia da criação propriamente dita, ele rememora dimensões imprescindíveis da visão cristã da criação. Num primeiro momento, o papa Francisco recorda *“a sabedoria das narrações bíblicas”* (nn. 65-75). Reconhece que, graças a uma interpretação incorreta das Escrituras sagradas, a tradição judaico-cristã tornou-se objeto de *“uma acusação”* de que Gn 1,28 *“favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador”* (n. 67). Propõe uma *“justa hermenêutica”* do texto bíblico no sentido de interpretar o texto no seu contexto próprio e, no caso específico, interpretar a primeira narrativa da criação (cf. Gn 1,1 – 2,4a) em sua intrínseca e recíproca relação com a segunda (cf. Gn 2,4b-25). Pois segundo escreve o papa:

É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a *“cultivar e guardar”* o jardim do mundo (cf. Gn 2,15). Enquanto *“cultivar”* quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, *“guardar”* significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza (n. 67).

A terra é de Deus, portanto. Eis a motivação primordial da responsabilidade do ser humano para com a natureza. Essa é a incumbência específica do ser humano, tornando-se, ao fim e ao cabo, o sentido de sua singularidade no conjunto das criaturas. Pressuposta essa responsabilidade do ser humano

para com a complexidade da criação, o papa Francisco rechaça de forma contundente o antropocentrismo moderno, caracterizando-o como “*despótico*” por fazer um “*uso desordenado das coisas*” (nn. 68-69)². São veementes as palavras do papa, a este propósito, “*Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada*” (n. 67). E ainda: “*Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo*” (n. 68).

O papa prossegue sua revisitação dos textos bíblicos oferecendo-nos uma releitura das narrativas simbólicas das origens (cf. *Gn 1-11*). Lembra-nos que o pecado se configura a partir da ruptura daquela relacionalidade primordial e constitutiva dos seres humanos: para com o Criador, para com seus semelhantes e para com o conjunto da criação. Mas, recorda-nos que a história da salvação não termina com o pecado. Somos filhos da promessa e a imagem do arco-íris se torna o perene símbolo do desígnio do Criador de jamais destruir a obra de Suas mãos. Dos textos jurídicos, o papa salienta o preceito do *Shabbath* como um expediente excogitado para garantir o direito à vida aos pobres, à vida da terra e do conjunto de suas criaturas. Nos escritos proféticos, o papa individua a conjugação do senhorio de Deus com seu carinho e cuidado para com todas as criaturas. E, por fim, nos escritos sapienciais ele salienta o convite à admiração, ao reconhecimento e ao louvor agradecidos.

Compreender a complexidade de tudo quanto existe como criação implica, ademais, em reconhecer a índole intrinsecamente misteriosa da inteira realidade criada. Nesse sentido as criaturas existem não como mera extensão da divindade criadora. Nem constituem, por outro verso, seres decaídos de uma condição anterior mais nobre. Nós e as criaturas todas existimos como fruto de uma decisão livre e amorosa de um Deus que é criador e Pai, como reza o primeiro artigo do nosso *Símbolo de fé*. O papa menciona o movimento de desmitificação das criaturas operado pelas Escrituras sagradas. Fomos criados, mediante a livre decisão divina e, portanto,

² No capítulo seguinte, o terceiro, intitulado “A raiz humana da crise ecológica”, o papa dedica um inteiro parágrafo à crise do antropocentrismo moderno e suas consequências (nn. 115-123). Ali, ele critica tão duramente o antropocentrismo moderno que, na sequência, se sente na necessidade de alertar-nos contra o risco da concepção oposta que negaria a dignidade peculiar da pessoa humana no complexo da criação. Articulando bem singularidade e dignidade, por um lado, e, por outro, solidariedade e comunhão, o papa deixa claro que não existe pior traição à dignidade peculiar da pessoa humana do que considerá-la motivo de superioridade face às demais criaturas. Superioridade que justifica a atitude impostora e despótica do ser humano para com elas. Nesse sentido, embora se apresente como uma maneira epocal de afirmação da singularidade e dignidade humanas, o antropocentrismo constitui a negação peremptória dessa mesma dignidade. Na compreensão do papa, uma alternativa ao antropocentrismo despótico e desordenado típico das sociedades ocidentais contemporâneas não seria o biocentrismo, mas a criação de uma nova relação entre o ser humano e as outras criaturas do planeta. Relação esta marcada pela correta articulação entre singularidade e pluralidade (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2016, p. 90-102).

criados livres. Afirma-se, nesse caso, a legítima autonomia e dignidade não apenas dos seres humanos, mas também das realidades terrestres. A autonomia e a contingência de nossa existência se constituem assim na condição de possibilidade de nos relacionarmos com o Criador de forma livre. Liberdade e autonomia são condições imprescindíveis para toda e qualquer relação de amor. Só quem é livre e autônomo pode decidir-se, de fato, pelo amor, amando e deixando-se amar.

Portanto, somente enquanto pressuposta a autonomia das realidades criadas, é que podemos falar de uma misteriosidade que habita a interioridade da matéria, das criaturas todas e de cada uma delas, em particular. O papa insiste muito nessa dimensão misteriosa da criação, pois convencido está de que a consciência dessa dimensão talvez produza no ser humano contemporâneo uma mudança de atitude e de mentalidade. A consciência da dimensão misteriosa da natureza poderá levar o ser humano a abandonar sua atitude instrumental e consumista para com as criaturas.

Vivemos, hoje, sob a hegemonia do paradigma da Tecnociência e do Mercado. Ambos, Mercado e Tecnociência, constituem autênticos horizontes no interior dos quais se desvelam praticamente todos os âmbitos da experiência humana. A Tecnociência tornou-se horizonte de compreensão do ser humano em relação ao mundo e a si próprio. Não apenas nossos estilos de vida, nosso modo de trabalhar e viver, são condicionados pela técnica, mas também nossa identidade mais profunda é dada pela diferença técnica (GALIMBERTI, 2006). Somos ainda vítimas da “absolutização do Mercado”: uma autêntica mercantilização da vida (POLANYI, 2000). O mercado vai se impondo como único cenário de nossa trama civilizacional atual. Nossos fluxos vitais e também os valores e símbolos culturais se tornam mercadoria de consumo e de descarte. Portanto, podemos falar de processos em curso descritos como “mercantilização” e “tecnificação” da vida. Ambos os processos revelam aquela situação descrita pelo papa de que a Tecnociência submete a si a economia que, por sua vez, torna a política refém. Escreve ele: *“Quando se propõe uma visão da natureza unicamente como objeto de lucro e interesse, isso comporta graves consequências também para a sociedade”* (n. 82).

É a presença misteriosa do Criador na interioridade de suas criaturas por meio de Seu Espírito vivificador que recobra em nós a esperança mais genuína. Aquela singular esperança que brota dos escombros sombrios do sofrimento e da morte. Por isso há sentido em falar de “dores de parto”, ou de “tirar bem de um mal”, ou ainda de forcejar a emergência das potencialidades internas e escondidas no seio das coisas que propiciam o aparecer do novo. Escreve o papa:

Deus, que deseja atuar conosco e contar com a nossa cooperação, é capaz também de tirar algo de bom dos males que praticamos [...] De certa maneira, quis limitar-se a Si mesmo, criando um mundo necessitado de desenvolvimento,

onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade, fazem parte das dores de parto que nos estimulam a colaborar com o Criador. Ele está presente no mais íntimo de cada coisa sem condicionar a autonomia da sua criatura, e isto dá lugar também à legítima autonomia das realidades terrenas. Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, é a continuação da ação criadora. O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo (n. 80).

Concebendo a criação como um “*livro estupendo*”³ de Deus, o papa insiste na “*mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação*” (nn. 84-88). De fato, a harmonia do conjunto da criação é fruto da conjugação das diferenças específicas, das singularidades envolvidas em tensão fecunda. O papa nos convida, afinal, a superar toda separação rígida entre dimensões recíprocas que compõem a complexidade da realidade criada. Assim, singularidade e pluralidade, identidade e diferença, são pares de termos distintos, mas não separados, e menos ainda contrapostos. São distintos para poderem se relacionar e se unir numa verdadeira comunhão. Só o que é diferente pode vir eventualmente a se unir, posto que só entre diferentes, pode haver comunhão.

Neste sentido, só se pode falar em “*comunhão universal*” (nn. 89-92) no respeito profundo à singularidade de cada criatura. Há uma recíproca implicação entre ambos os polos e é por isso que o papa Francisco insiste em considerá-los nesse capítulo que trata do evangelho da criação. É nesse contexto que o papa insere o *Cântico do Irmão Sol* de São Francisco de Assis. Com razão, o texto foi lembrado uma vez que ele constitui excelente testemunho do que dizíamos acima acerca da relação de intrínseca reciprocidade entre a singularidade de cada criatura e pluralidade de todas elas no complexo harmonioso da inteira criação⁴.

³ Ao conceber a criação como um livro harmônico no interior do qual estão inscritas as distintas mensagens provenientes de cada criatura, o papa Francisco recupera um filão fecundo da tradição cristã: conceber a criação como o primeiro e mais importante livro escrito por Deus e que, portanto, demanda contemplação e compreensão. Escreve ele: “*Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus*” (n. 84). Santo Agostinho, por exemplo, submetia as Escrituras sagradas a este livro primordial que é a natureza. Segundo ele, o pecado nos fez perder a familiaridade com o mundo no qual vivemos e, por essa razão, o Criador nos deu o livro das Escrituras para que, lendo-o e meditando-o, sintamo-nos interpelados a aprender a amar e a interpretar os desígnios seus por entre os meandros sutis da realidade criada. Os teólogos franciscanos da Idade Média foram aqueles que mais aprofundaram estes sulcos abertos pelo bispo de Hipona. Teólogos como Antonio, Boaventura e Raimundo Lullo, apenas para citar alguns, aprofundaram com invejável rigor o que eles chamavam de “*Liber naturae*” como uma das fontes da sagrada teologia.

⁴ Seja-nos permitido remeter, nesse particular, a uma análise que do *Cântico do Irmão Sol* faz Éloi Leclerc. A originalidade de sua análise consiste em interpretar o texto do *poverello* de Assis mediante o recurso a três chaves de leitura: 1) a psicologia do profundo de C.G. Jung; 2) a poética de G. Bachelard; 3) a hermenêutica de P. Ricoeur. Servindo-se desta trí-

Se a terra é de Deus; se somos chamados a ser cultivadores/cuidadores dela por incumbência do Criador; se fomos feitos do barro da terra para podermos cultivar e cuidar bem dela (*Adam-adamah*), então nada mais coerente que considerar o destino comum dos bens como parte integrante do evangelho da criação. Precisamente aqui se encontra um dos fundamentos da preocupação do papa Francisco em articular sempre a questão da crise ambiental com a da injustiça social. Numa palavra, articular o grito da terra ao grito do pobre. Essa dobradinha nos advém da mais genuína tradição bíblica e cristã.

O meio-ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para administrar em benefício de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a existência aos outros (n. 95).

Que o papa conclua sua reflexão acerca do evangelho da criação remetendo-nos ao “olhar de Jesus” (nn. 96-100) soa-nos como algo muito significativo. Ele chama a atenção para um gesto de Jesus, o olhar. De fato, Jesus não veio para dar lições, Ele se fez caminho. Para nós cristãos, a pessoa de Jesus é a plenificação da revelação divina. Ele é, para todos os efeitos, “o verbo feito carne” (cf. prólogo de *Jo*). É na pessoa de Jesus, concebida como complexidade de gestos e palavras, que a palavra de Deus atinge sua concreção e realização máximas. A referência ao “olhar de Jesus” conduz-nos à atitude contemplativa do mestre de Nazaré. Para ele o mundo e a história eram diáfanos, transparentes. O que equivale a dizer que ele via em tudo a presença gratuita e interpeladora do Pai. Jamais sucumbiu à sedução daquelas dicotomias típicas da religião de seu tempo, mas através de seus contínuos diálogos tentou demover as pessoas desse terreno pantanoso.

Jesus, mediante seus gestos e palavras, tentou conduzir seus interlocutores a perceber Deus na raiz e nos meandros intrincados da própria existência e a acolher seus desígnios e apelos misturados com a vida. Por essa razão, ele se revelou como sendo o Emanuel, Deus conosco, o Deus que se revela a partir de dentro da nossa existência e dos meandros sutis da vida em geral, numa atitude de inusitada inclusão e envolvimento com nosso destino. O papa lembra o fato de Jesus falar em parábolas e salienta a peculiar atitude de Jesus para com as criaturas expressa nessa opção. O falar em parábolas, segundo a tradição sinótica, revela dimensões inusitadas da pessoa de Jesus e de sua experiência de homem de fé e de pregador do Reino de Deus. Exprime, em primeiro lugar, sua familiaridade com as criaturas

plice mediação, Leclerc mostra como os elementos cantados por São Francisco revelam um rico conteúdo arquetípico e manifestam assim a plena reconciliação entre mundo exterior e mundo interior, entre ecologia cósmica e ecologia mental/existencial. Numa palavra, a síntese entre a ecologia exterior e a arqueologia interior (LECLERC, 1977; BOFF, 1981, p. 50-62).

a ponto de enxergar em seu transfundo a presença íntima e amorosa do Criador e Pai. Exprime, ademais, sua familiaridade com o Pai e Criador a ponto de percebê-lo presente em meio às criaturas e de discernir seus desígnios e apelos em meio à complexidade da criação. Exprime, ainda, a sensibilidade do pregador de Nazaré em conduzir seus ouvintes a uma crescente familiaridade com o Criador e Pai e com as criaturas, Suas filhas e nossas irmãs. A pregação de Jesus consistia na insistência em levar as pessoas que o ouviam e conviviam com ele a assumir um novo olhar: um olhar contemplativo capaz de perceber a presença diáfana e transparente do Criador no transfundo de suas criaturas.

O papa Francisco rememora ainda uma das pérolas da tradição cristã, recuperada na Idade Média pelo franciscano Duns Scotus e, mais recentemente, reproposta pelo cientista e místico Teilhard de Chardin: a dimensão crística da inteira realidade criada. Nesse horizonte, a encarnação é concebida como o sentido último da criação, pois, estando ao testemunho dos textos do Segundo Testamento, Jesus Cristo é reconhecido como sendo, simultaneamente, o “primogênito de toda criatura” e o “recapitulador universal”. Portanto, desde os inícios de nossa fé, a relação das comunidades cristãs para com a criação esteve unida, intrinsecamente unida, ao Mistério de Cristo.

Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: «Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele» (Cl 1, 16). O prólogo do Evangelho de João (1, 1-18) mostra a atividade criadora de Cristo como Palavra divina (*Logos*). Mas o mesmo prólogo surpreende ao afirmar que esta Palavra «Se fez carne» (Jo 1, 14). Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia (n. 99).

O papa já havia nos remetido anteriormente à realidade do Cristo ressuscitado e glorioso, o Cristo cósmico e, por extensão, ao final bom e reconciliador da inteira realidade criada. Esta é a utopia cristã com respeito aos tempos derradeiros e definitivos. Fim dos tempos concebido não como destruição do mundo, mas como plenificação da vida. Trata-se, na verdade, de uma promessa feita a cada criatura e a todas elas indistintamente. A exclamação bíblica de que “Deus viu que tudo era bom!” continua ecoando, por entre os meandros sutis da inteira criação, como uma promessa feita a nós. E, como toda promessa, ela nos conclama à missão. De fato, promessa vem de *pro+missio*. E, por isso, ela propicia o emergir da missão concebida como incumbência: empenho pela radical transformação deste mundo para que se torne, lenta e irresistivelmente, bom, plenamente bom. Partícipes da vida do Cristo ressuscitado, nós e o

conjunto das criaturas formamos o seu corpo, o corpo glorioso e cósmico de Cristo. Somos todos membros de um único corpo. É o caso, portanto, de falar de diferentes singularidades que concorrem à unidade do corpo e não de superioridade de uma ou de algumas criaturas em relação às outras. A diferença específica ou a singularidade do ser humano é a de cuidar da vida no planeta, uma vez que somos chamados a reconduzir, em Cristo, todas as criaturas ao seu Criador.

A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. E assim juntamos mais um argumento para rejeitar todo e qualquer domínio despótico e irresponsável do ser humano sobre as outras criaturas. O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador (n. 83).

2.2 A “Ecologia integral”

Da *Laudato Si'* se disse, com razão, não se tratar apenas de mais um texto em favor da defesa do meio ambiente, uma espécie de “encíclica verde” (BOFF, 2016, p. 15-23). O que caracteriza a encíclica do papa Francisco é a proposta de uma “ecologia integral”: “Do momento que tudo está intimamente relacionado e que os atuais problemas exigem um olhar que atenda a todos os aspectos da crise mundial [...] proponho uma ecologia integral que compreenda claramente as dimensões humanas e sociais” (n. 137).

A ecologia integral, como diz o próprio nome, se distingue pela compreensão da ecologia como uma singular complexidade composta por quatro dimensões: ambiental, econômico/social, cultural e da vida quotidiana. O papa, portanto, não identifica *tout court* ecologia com meio ambiente. Ele opera uma verdadeira guinada no discurso ecológico ao propor uma ecologia integral em vez de continuar falando apenas de uma ecologia ambiental. E o pressuposto dessa reviravolta é o de que todas as coisas, instâncias e saberes estão interligados (nn. 16 e 92). Daí a preocupação constante do papa, em primeiro lugar, de remeter-nos às implicações recíprocas entre a degradação ambiental e a injustiça social, expressas como articulação “entre o grito da terra e o grito dos pobres” (n. 49). De forma contundente e esclarecedora, ele afirma:

Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (n. 139).

A proposta feita pelo papa de uma “ecologia integral” é o desfecho natural de sua argumentação crítica desenvolvida nos capítulos anteriores, nos quais ele desmascara a ligação entre Tecnociência, Mercado e política como engrenagem a provocar a atual situação de descaso na qual se encontra o nosso planeta. Nessa mesma linha, ele deflagra a presença do antropocentrismo como atitude que tem caracterizado a tríplice relacionalidade constitutiva do nosso ser, mas de modo especial, nossa relação para com as criaturas. Convida-nos a olhar o conjunto da criação e cada criatura em especial sob um olhar contemplativo, procurando em cada ação concreta articular o local com o global.

Já nas primeiras páginas da encíclica, o papa Francisco chamara nossa atenção para essa atitude fundamental, a única capaz de nos curar da empáfia antropocêntrica que nos reduz a meros dominadores e consumidores. Referindo-se a São Francisco como motivação para nossa atitude de cuidado para com as criaturas, o papa afirma que, do santo de Assis, aprendemos que: “O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor” (n. 12). E desafia-nos, por fim, a assumirmos o que ele tão bem nomeou como sendo “a ecologia da vida quotidiana” (nn. 147-155).

É neste sentido que o papa Francisco alerta-nos para a necessária e urgente construção de um paradigma de desenvolvimento alternativo com respeito ao atual modelo de desenvolvimento. Trata-se de uma verdadeira conversão do atual modelo de desenvolvimento global. E os elementos que, segundo o papa, caracterizarão esse modelo alternativo de desenvolvimento global são, entre outros, a concepção do meio ambiente como um bem coletivo, a defesa do trabalho e dos povos indígenas e, por fim, o papel dos movimentos sociais e das organizações da sociedade civil. Esses dois últimos elementos, de modo particular, viriam preencher o vazio político denunciado com veemência pelo papa Francisco no texto da encíclica. Por essa razão, Ivo Lesbaupin opina que a *Laudato Si'* constitua uma “conclamação a construir outro paradigma de desenvolvimento” (LESBAUPIN, 2016, p. 146-156).

A própria estrutura da encíclica reflete bem esta concepção de “ecologia integral”. Parte-se da constatação dos sintomas dessa crise ecológica global. Os sintomas são, em sua maioria, de caráter ambiental. Mas a crise é bem mais profunda e não apenas ambiental. Ela é, para todos os efeitos, uma crise ecológica, portanto, encarna aquela singular complexidade descrita acima. Elencados alguns dos principais sintomas, o papa individua sua raiz mais profunda, indagando acerca de suas reais causas.

Ousaríamos afirmar que nenhum outro texto do magistério pontifício ou da Doutrina social da Igreja tenha atingido um grau de tamanha profundidade crítica com relação à complexidade do mundo em que vivemos. Sem

negar, obviamente, os avanços da tecnociência em termos de melhoria das condições de vida e do bem-estar das pessoas, o papa Francisco deflagra o que ele denomina de “paradigma tecnocrático” em seu intento último que é controle, domínio e poder (OLIVEIRA, 2016, 129-145). Desmascara as relações de cumplicidade e submissão exercidas pela tecnociência sobre a economia e sobre a política. Denuncia, de forma contundente, o vazio e a ineficiência da política atual em face dessa situação instalada.

2.3 A “conversão ecológica”: condição para a conversão integral

Surpreendeu-nos positivamente a presença do termo “conversão ecológica” (nn. 216-221) no corpo do texto da *Laudato Si'*. Trata-se de um sugestivo e apropriado neologismo cunhado pelo papa Francisco. Esta terminologia pode até soar estranha a ouvidos habituados a escutar simplesmente o termo conversão, desacompanhado de qualquer adjetivo. Talvez encontremo-nos diante de mais um caso em que o uso de um substantivo generalizante se dilua completamente justamente pela falta de um adjetivo que o qualifique, concretizando-o. E talvez seja mesmo o caso de dizer que uma ideia bastante generalista de conversão se adéqua muito bem a uma ideia igualmente ou tanto mais genérica de pecado.

Dada a complexidade das relações que compõem nossa vida atual, talvez seja mesmo o caso de especificar cada vez o âmbito em que se deva dar essa conversão. Se conversão significa literalmente mudar radicalmente de rumo, então talvez seja realmente o caso de indicar cada vez em que âmbitos ou espaços ou dimensões essa guinada se deva dar. Neste caso, parece bem apropriada a noção de conversão ecológica. Se, de fato, tem razão o patriarca ecumênico Bartolomeu ao interpretar os males causados por nós às criaturas do planeta como crimes e, em última análise, como pecado contra o Criador, então nos parece igualmente razoável que o papa Francisco sugira-nos a conversão ecológica como forma de se prevenir deste específico pecado, o “pecado ecológico”.

Vale a pena lembrar, a este propósito, que o papa Francisco situa a noção de conversão ecológica no contexto mais amplo da imprescindível conversão integral. O pressuposto é que alguém só alcançará uma conversão integral na medida em que se fizer capaz de transcender noções de conversão ainda muito presas a situações existenciais e intersubjetivas e quem sabe até sociais, mas não sensíveis ainda à dimensão ecológica da vida cotidiana. Diz textualmente o papa: “Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa” (n. 218).

Neste sentido, a preocupação do papa Francisco em especificar uma, a ecológica, entre as várias dimensões constitutivas da conversão evangélica não é a de separar, criando divisões ou rupturas, pretensas conversões di-

ferentes umas das outras. O que ele quer, na verdade, é distinguir bem as várias dimensões que compõem a complexidade da conversão evangélica para poder realçar melhor a integralidade da conversão, na perspectiva cristã. Trata-se sempre da conversão evangélica, no singular, e isso porque a conversão evangélica possui características próprias que confirmam sua singularidade. Mas para que essa conversão evangélica possa aparecer em sua força originária é preciso que se distingam as suas várias dimensões sem as quais ela não seria, para todos os efeitos, evangélica.

E é importante salientar que essa conversão, que inclui entre suas várias dimensões a ecológica, é fruto da nossa resposta aos apelos de uma autêntica espiritualidade também essa integral. Uma vez que “*tudo é relação e todos os seres são interligados*” (nn. 92;115;120 passim), então, não há mais espaço para uma espiritualidade separada e, pior ainda, contraposta a tudo o que diga respeito à materialidade da vida (SUSIN, 2016, p. 40-51). Espírito e matéria são distintos sim, radicalmente diferentes, mas nunca separados e menos ainda contrapostos. São reciprocamente implicados. E por isso celebram continuamente uma experiência inusitada de comunhão. No bojo deste novo paradigma ecológico assumido pelo papa, na *Laudato Si'*, reconhece-se que a espiritualidade é o avesso da materialidade, pois, em última análise, espírito e matéria se interpenetram produzindo a instigante aventura da vida. Na contundente expressão do grande poeta Fernando Pessoa, “*toda matéria é espírito*”. Esclarecedoras, as palavras do papa Francisco a esse respeito:

[...] a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma *conversão ecológica*, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa (n. 217).

O papa revela a consciência de que a conversão necessita atingir as várias dimensões que compõem nossa relacionalidade constitutiva de seres humanos. A complexidade de nossas relações exige de nós uma particular atenção. Pois, de fato, as relações se intercomunicam uma vez que somos nós os sujeitos que as vivemos. De fato, cada vez é o mesmo sujeito que se experimenta em uma relação de interioridade para consigo mesmo e, ao mesmo tempo, em uma relação intersubjetiva, comunitária, social e cósmica. O sujeito que as vive e que se encontra enredado nas malhas dessa interrelacionalidade é quem dá unidade às distintas relações. No entanto, essas relações, apesar de vividas pelos mesmos sujeitos, se distinguem umas das outras. E uma vez que cada uma delas constitui uma

relação específica, necessitamos acolhê-las e reconhecê-las respeitando a especificidade de cada uma delas.

Por esta razão, é fundamental reconhecer a relativa autonomia de uma relação face às outras. E isso não fere minimamente a mutualidade e reciprocidade dessas mesmas relações entre si. Autonomia e mutualidade constituem a complexidade das distintas relações vividas pelo ser humano no cotidiano de sua vida. Daí a conclusão de que cada uma dessas dimensões relacionais necessita de intervenções que respeitem seus dinamismo e ritmo próprios. Embora estejam intrinsecamente relacionados, o pessoal, o interpessoal, o comunitário, o social e o cósmico, cada um deles possui dinanismos próprios e regras relativamente autônomas. Não gozam de autonomia absoluta, obviamente. Todavia, gozam de uma autonomia relativa. As coisas não se misturam, sem mais. As mudanças não ocorrem sob o assim chamado “efeito dominó”. As transformações se dão também de forma complexa uma vez que os desafios e as possibilidades também são efetivamente complexos. Por essa razão, vale a pena atentar para a advertência que nos faz o papa Francisco:

Todavia, para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo atual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias [...] A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária (n. 219).

Por fim, o papa Francisco chama nossa atenção para várias atitudes que compõem o mosaico da assim chamada conversão ecológica. A primeira delas seria a atitude de gratidão e de ternura como expressão do reconhecimento pelo dom inaudito da criação. Esse reconhecimento deveria se concretizar em gestos gratuitos de renúncia e de generosidade face às demais criaturas. Outra atitude seria a de não se considerar separado das demais criaturas, mas de nos sentirmos parte, autênticos “filhos da terra” e, portanto, irmãos de toda criatura. Há ainda outros elementos elencados pelo papa, provenientes de nossas convicções de fé, a saber: que cada criatura reflete algo do Criador e que, portanto constitui uma mensagem única e singular; a consciência de que Cristo assumiu em si esse mundo material e que agora, ressuscitado, continua habitando, por meio de seu Espírito, a interioridade de cada criatura, fazendo delas e com elas seu corpo cósmico; que há um sentido inscrito pelo Criador e que nos meandros sutis da inteira criação o ser humano vai interpretando-o mediante um lento discernimento.

Convido todos os cristãos a explicitar esta dimensão da sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação

com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia, e suscite aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis (n. 221).

Conclusão

Ao final deste percurso, reconhecemos uma espécie de *cantus firmus* ao longo da *Laudato Si'*: a consciência de que desafios complexos demandam práticas e saberes integrais. Lendo a encíclica, salta à vista a consciência da complexidade das questões relativas à crise sócio-ambiental. Reiteradas vezes, o papa explicita alguns de seus pressupostos, dentre os quais: que todas as coisas, instâncias e saberes estão interligados; que não se trata de várias crises, mas de uma única crise: complexa e global; que é preciso articular o local ao global. A explicitação destes pressupostos exprime a reviravolta paradigmática operada pelo papa Francisco no sentido de não conceber mais os fenômenos a partir de uma lógica linear e rigidamente compartimentada que insiste em dividir em partes a realidade em sua irreduzível complexidade.

Estamos convencidos de que, na *Laudato Si'*, o papa Francisco encarna uma nova sensibilidade hermenêutica. Por isso sua disponibilidade em reviver a experiência originária do conhecer como nascer junto (*cum + nascere*) e, portanto, reconhecer as coisas a partir de uma relação constitutiva e vital para com as mesmas. Como também, sua intenção de recuperar o verdadeiro sentido de compreensão (*cum + prendere*) como articulação entre as várias dimensões que exprimem a complexidade do real: um saber inclusivo, tecido mediante os processos recíprocos e complementares da distinção e conjunção. E, sobretudo, sua insistência em redescobrir o sentido mais originário do pensar como curar. De fato, *pensum*, em Latim, era uma espécie de unguento que se colocava sobre a ferida para protegê-la e, ao mesmo tempo, curá-la. Estas ressonâncias etimológicas nos remetem a dimensões intrínsecas de todo conhecimento humano, tais como: a gratuidade, a generosidade e a ética. Lendo a *Laudato Si'*, convencemo-nos sempre mais de que o papa Francisco esteja interpelando-nos a pensar juntos com o intuito de curar as feridas abertas de nossa realidade humana, histórica e cósmica. Esta parece ser a motivação última do apelo à aliança entre os vários saberes tendo em vista o cuidado do planeta, nossa casa comum.

E a conclusão deste percurso é que, ao propor vias alternativas à crise sócio-ambiental, o papa nos sugere uma “ecologia integral” apresentando-a como natural consequência de uma espiritualidade, também essa integral, que demanda a conversão ecológica como condição de possibilidade da conversão integral. Como se percebe, o adjetivo integral é a marca característica não apenas das vias alternativas à crise, mas também das dimensões

constitutivas da fé cristã. Por esta razão, a complexidade dos fenômenos que, juntos, constituem a crise sócio-ambiental não nos permitem soluções que não sejam integrais. Qualquer outra solução parcial restará aquém da gravidade e urgência dos desafios que nos são postos hoje.

Assim, poderíamos dizer que uma evangelização integral, inspirada e sustentada pelo “olhar de Jesus”, jamais poderá se descuidar do ser humano todo e de todos os seres humanos e, por extensão, de cada criatura por inteiro e de todas as criaturas, satisfazendo-se com pregações e práticas parciais. Uma espiritualidade que se pretenda cristã não se conformará jamais em se tornar refém de partes dos seres humanos, das criaturas e do mundo. Ela deverá se converter, para todos os efeitos, em espiritualidade integral. Da mesma forma a conversão. Enquanto resposta à evangelização e espiritualidade integrais, a conversão será necessariamente também ela integral. Portanto, a partir da integralidade constitutiva de sua própria tradição de fé, o cristão buscará discernir e reconhecer a complexidade inerente à vida e corresponder a ela mediante propostas e iniciativas igualmente integrais.

Referências

FRANCISCUS. *Laudato Si'*. Louvado sejas. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

BOFF, L. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOFF, L. A encíclica do Papa Francisco não é “verde” é integral. In: MURAD, A.; TAVARES, S. *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 15-23.

GALIMBERTI, U. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.

LECLERC, E. *O Cântico das Criaturas ou os Símbolos da União*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LESBAUPIN, I. A encíclica *Laudato Si'*: conclamação a construir outro paradigma de desenvolvimento. In: MURAD, A.; TAVARES, S. *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 146-156.

MURAD, A.; TAVARES, S. *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

OLIVEIRA, M. A. O paradigma tecnocrático. In: MURAD, A.; TAVARES, S. *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 129-145.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, P. A difícil integração humana na comunidade de vida da Terra. In: MURAD, A.; TAVARES, S. *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 90-102.

SUSIN, L.C. Conversão ecológica: “conversão da conversão”. In: MURAD, A.; TAVARES, S. *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 40-51.

Sinivaldo S. Tavares, OFM. Doutor em Teologia Sistemática pela *Pontificia Università Antonianum*, Roma. Durante treze anos, professor de Teologia Fundamental e de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia do Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis. Desde 2012, professor de Teologia sistemática na FAJE e no ISTA, Belo Horizonte. Entre suas recentes obras, publicadas pela Editora Vozes, estão: *Evangelização em diálogo: novos cenários a partir do paradigma ecológico*; *Evangelização e Interculturalidade*; *Teologia da Criação: outro olhar – novas relações*; *Trindade e Criação*. Em 2016, organizou com A. Murad o livro: *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*, publicado por Edições Paulinas. Tem publicado ainda estudos em obras coletivas e artigos em revistas teológicas especializadas.

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte – MG
freisinivaldo@gmail.com